

**ASPECTOS FONÉTICOS DO LATIM VULGAR
PRESENTES NO PORTUGUÊS COLOQUIAL
DE INTEGRANTES DA MELHOR IDADE**

Clemilton Pereira dos Santos (UEMS)

clemilton.ps@uems.br

Andréia Firmo Chaves (UEMS)

RESUMO

O presente trabalho estabelece relações entre o latim vulgar, e o português coloquial utilizado por integrantes da melhor idade no município de Jardim, Mato Grosso do Sul. Nosso objetivo é evidenciar, através de entrevistas, que o latim vulgar, no aspecto fonético, está vivo na fala da sociedade atual, mais especificamente, dos moradores cuja faixa etária é superior aos 60 anos. Para desenvolvimento das atividades de pesquisa, primeiramente realizamos uma revisão bibliográfica em torno do latim vulgar e de suas características fonéticas a partir da leitura de Coutinho (1973), Bassetto (2001), Ilari (1999) e Silva Neto (1953) e Melo (1971). Posteriormente, passamos à entrevista com 3 (três) informantes com baixa escolaridade e idade acima dos 60 anos com intuito de coletar as histórias de vida (experiências vividas). Feitas as entrevistas, as quais foram armazenadas em gravadores digitais, realizamos as transcrições e levantamento dos aspectos fonéticos. Mediante análise, podemos verificar que ocorrem diversas semelhanças que ligam o português coloquial ao latim dito vulgar.

Palavras-Chave: Língua latina. Português usual. Fonética. Semelhanças.

1. Introdução

O latim, enquanto modalidade oral falada no Lácio, durou cerca de doze séculos, desde a fundação de Roma até a queda do Império Romano no Ocidente. Com o tempo, o idioma se estilizou e passou a apresentar dois aspectos: o latim vulgar e o latim clássico. Segundo Maurer Jr. (1962), tendo em vista que uma cultura e sua língua são indissociáveis, as diferentes variedades faladas refletem as diferentes sociedades que viviam em Roma: de um lado, uma sociedade rica, aristocrática e conservadora; de outro, uma sociedade pobre, plebeia e aberta a todas as influências. (Cf. ILARI, 1992)

Como afirma COUTINHO (2005, p. 30), a esta sociedade menos privilegiada, pertenciam os soldados (*milites*), os marinheiros (*nautae*), os artífices (*fabri*), os agricultores (*agricolae*), os barbeiros (*tonsores*), os sapateiros (*sutores*), os taverneiros (*caupones*), os artistas de circo (*histriones*), etc., homens livres e escravos, que se acotovelavam nas ruas, que se comprimiam nas praças que frequentavam o fórum, que superlotavam os

teatros, a negócios ou em busca de diversões, toda essa gente, em fim, que se passara pela escola, dela só conservara os conhecimentos mais necessários ao exercício da sua atividade. O latim foi utilizado por um grande período e por um número grande de falantes e, por esse motivo, sofreu transformações por diferenças sociais, época, delimitações geográficas, influências estrangeiras ou tantos outros fatores, pode ser caracterizado conforme a época e sua condição como língua falada e escrita.

O latim vulgar era uma língua popular, falada pela grande massa pobre e quase que inteiramente analfabeta, era uma língua simples, mais expressiva, mais concreta e permeável a elementos estrangeiros. Existiu em todas as épocas da língua latina e nunca foi uma língua uniforme. Gramáticos e escritores a consideravam indigna de consideração e, por isso, procuravam evitá-la em suas obras, o que não se diferencia das múltiplas visões emitidas no embate entre gramático e linguista no tocante às variedades linguísticas presentes no século XXI e os ditos veiculados na mídia brasileira.

“Isso ou aquilo está errado. Tais falantes usam melhor a língua portuguesa que outros”. Ditos e reditos preconceituosos no tocante à modalidade oral adotada pela maior parte da população brasileira nos remetem ao histórico do latim vulgar, o qual esteve presente em todas as épocas da língua latina oportunizando-nos afirmar que a maior diferença entre o latim vulgar e o latim clássico, e por que não entre o português escrito e o falado em sua variante informal, usual, não era e não é o fato de um ser escrito e o outro falado, ou então, o fator cronológico.

A grande diferença entre as duas variedades tanto na língua latina, quanto na língua portuguesa está na origem social. O latim clássico representava uma sociedade fechada, conservadora, embasada na língua e não na fala, na vivacidade dos discursos, aristocrática. O latim, em sua modalidade usual, era adotado por uma classe social aberta a mudanças e influências, sempre incorporando elementos de origem das mais diversas ordens, meios, fatores, sejam eles estrangeiros ou não, a partir do núcleo plebeu ou popular.

Como afirma Ilari (1992): enquanto o latim clássico possuía um respaldo na escrita e, por isso, tinha uma unidade notável e não estava sujeito a mudanças rápidas, o latim vulgar, por ser eminentemente falado, submetia-se mais facilmente às influências externas e, dessa forma, foi derivando para dialetos regionais que acabaram por dar origem às línguas românicas. Ele é o ponto de partida das línguas românicas, falado no dia a

dia era uma língua com finalidades práticas e imediatas, ao contrário do latim clássico. O latim vulgar é, na verdade, um latim popular que existiu em todas as épocas da língua latina. Este latim pertencia a uma população que era muito pouco ou nada escolarizada e que, portanto, não poderia ter sido influenciada pelos modelos literários e pela escola. (Cf. Herman, 1967, p. 16)

A relação latim clássico/latim vulgar está muito relacionada à nossa realidade linguística português formal/coloquial. No geral, toda a discussão que permeia o que deve ou não deve ser usado em matéria de língua e cultura passa pelas relações de poder, de colonialismo e de colonialidade, fazendo aqui uma referência a Mignolo (2005). Da mesma forma que há na língua portuguesa toda uma discussão que se resolve a partir das definições de contexto e adequação, havia, no império romano, uma grande segregação social entre os dois aspectos da língua latina, pois, segundo Bassetto (2001, p. 92), o latim vulgar era totalmente ignorado pelas classes sociais mais abastadas.

O *sermo plebeius* era essencialmente falado e era a norma da porção menos favorecida da sociedade. Um dos grandes aspectos de diferenciação deu-se a partir do aparecimento da literatura latina que contribuiu para a diversificação da sociedade romana, como afirma Ilari (1997): os autores latinos procuravam pautar seus escritos pelo ideal da *urbanitas*, evitando formas ou expressões que conotassem arcaísmo ou provincianismo, ou que lembrassem a educação precária das classes subalternas e do campo (*rusticitas*). Essa porção da sociedade era tão desprezada pela aristocracia que esse latim foi ignorado pelos estudiosos romanos, mas era vivo e real, tanto que acabou originando as línguas românicas. Porém, o latim vulgar nunca se isolou completamente da língua literária, pois sempre houve um convívio constante entre todas as classes, através do teatro, às vezes pela escola e, mais tarde, pela Igreja, que mesmo de forma um tanto mecânica, também atuou enquanto ferramenta de intercâmbio entre pessoas dos mais diversos setores, conforme Burke (1995).

A mesma história que nos conduz ao vislumbamento da origem e também das explicações à grande parte da estrutura de nossa língua, linguagem e costumes materializados no discurso também nos remetem às tentativas de minguar as discussões acerca da variante coloquial, no latim, dito *sermo vulgaris*. Sabe-se que “os escritores tinham noção da existência das variedades/modalidades (ora chamadas de *sermo plebeus*, *rusticus*, *peregrinus*, *castrenses*). No entanto, a utilização por parte dos gramáticos e escritores de modo sistemático era inaceitável”. (BASSETTO, 2001, p. 91)

Mesmo assim, rejeitada, a língua latina em sua modalidade vulgar faz-se presente e forte desde as lutas dos plebeus, classes minoritárias a fim de participar das decisões, de 600 a 287 a.C, passando pelos aspectos históricos de expansão e queda do império romano, deixando marcas, tanto no vocabulário, quanto nos aspectos morfofonológicos do português falado no Brasil nos mais diversos séculos de história de nossa língua portuguesa oriunda da modalidade do latim trazida pelos colonizadores a qual já marcada pelos adstratos, superestratos e substratos na formação do português de Portugal, vai se modificando, categorizando e recategorizando-se de tempo em tempo, principalmente no português coloquial e nas denominações conferidas em virtude dos avanços tecnológicos.

O estudo da língua portuguesa está diretamente associado ao estudo da língua latina. Segundo Bortolanza (2003), “estudar gramática supõe, antes de tudo, ser filólogo, conhecer a língua em sua dimensão histórica, social e diacrônica”. Ainda, a partir do pesquisador, em defesa dos estudos latinos, relegados a um segundo plano desde meados dos anos 60, “os currículos brasileiros precisam ser modificados, reintroduzindo o ensino de latim e os estudos filológicos”, pois as consequências dessa desvalorização, nas escolas, faz-se presente conforme enfatiza Bassetto (2001).

Precisamos muitas vezes adequar os estudos à realidade educacional brasileira em razão da queda da qualidade do ensino brasileiro. Em muitas áreas ou ramos do saber o ensino do latim está cada vez mais restrito o que corrobora para um conhecimento cada vez menos sólido, tanto na educação básica, quanto na universidade.

Comentários em torno dessa qualidade de ensino comumente têm sido feitos. Nos últimos anos, temos presenciado reclamações dos mais diversos tipos em relação à superficialidade de conhecimentos de nossos alunos no tocante às bases do saber ao mesmo tempo em que temos ciência de que conhecer o passado, não só em sua vertente externa, mas também nas acepções estruturais, internas da língua e refletir sobre suas funções e presenças nos dias atuais faz-se imprescindível ao amadurecimento intelectual do estudante. Reforçando essas considerações, Bortolanza (2003, p. 140) destaca: “somente os estudos diacrônicos fornecem as raízes, reconstruindo-as muitas vezes, como é o caso das raízes do indo-europeu e de muitas raízes do latim vulgar”.

O fato de a língua latina ser a origem de tantas línguas utilizadas nos dias atuais deveria bastar para que todos compreendessem seu valor e a necessidade de trazê-lo de volta as universidades dando-lhe o valor merecido. O estudo do latim é preciso para uma compreensão profunda da

língua portuguesa, pois, mesmo que não saibam, os falantes do português o utilizam em seu dia a dia.

Sobre a importância do latim, Cardoso ressalta:

De um lado há uma rica literatura deixada pelo mundo romano, que não só nos permite o desfrute de autênticas obras de arte como estende seu alcance por outras áreas do conhecimento: pela historiografia, pela filosofia, pela antropologia, pela teoria literária em todos os seus matizes, pela ciência, pelo teatro. As obras literárias podem ser traduzidas, é certo, mas a tradução, como sabemos, compromete muitas vezes o que existe de genuíno em uma obra.

De outro lado, há o interesse linguístico pelo latim sendo uma das mais antigas línguas indo-europeias, da qual temos conhecimento pela documentação escrita, oferece-nos a solução de numerosas indagações que se referem ao conhecimento das línguas; sendo, por fim, a língua-mãe dos chamados idiomas românicos (português, espanhol, catalão, provençal, francês, italiano, sardo, rético, dalmata, romeno), fornece-nos explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis de nosso idioma e das línguas irmãs do português. (CARDOSO, 1997, p. 10)

Desse modo, nosso trabalho se justifica tendo em vista a necessidade de romper com certos paradigmas em relação à linguagem, variante popular de boa parte da população brasileira que é vista pela sociedade com conotação preconceituosa, oportunizando a reflexão sobre as mudanças, as transformações, as reutilizações e os rearranjos fonéticos presentes na língua portuguesa oriundos da língua mãe – latim, modalidade *usuallis* ou dita vulgar conservadas de geração a geração, na linguagem da população mais idosa e menos escolarizada na cidade de Jardim – MS. Reforçando a constatação de que nosso português coloquial está muito próximo do nosso latim vulgar, fazemos uma referência a Viaro:

Longe de ser retrógrado, o estudo do latim associado ao estudo da vida social em Roma nos faz vislumbrar quanta coisa mudou e quanta coisa ainda continua surpreendentemente do mesmo jeito que era muitas vezes apenas com os nomes trocados. (VIARO, 1999, p. 02)

Aludindo a Viaro, é oportuno refletir sobre as mudanças, as transformações e as reutilizações fonéticas presentes na língua, desde sua origem até o momento atual, pois muitas palavras se explicam no estudo do latim sendo recuperadas e conservadas na variante do português coloquial.

Ao debater a língua latina pretendemos que mais pessoas se interessem pela língua mãe da nossa língua portuguesa, visto que, na atualidade, impera a tecnologia e a era digital, ou conforme o próprio Viaro, o imediatismo e o modismo que provocam nas pessoas desvalorização do

olhar diacrônico, sem perceber que o passado vive registrado na nossa linguagem, seja nos aspectos semânticos, morfológicos e fonéticos.

2. Características fonético-fonológicas latim vulgar/latim clássico

Uma das características marcantes do latim vulgar em contraposição ao clássico é a perda da quantidade das vogais. Vários testemunhos de autores antigos, e, sobretudo o exame das línguas românicas, levam à conclusão de que, no latim vulgar, às diferenças de duração das vogais (breves e longas) foram-se associando diferenças de abertura, que acabaram, num segundo momento, suplantando as primeiras. Deve ter havido um período de tempo em que a sílaba tônica de *pōpulus*-povo, mantendo sua duração breve, foi pronunciada mais aberta do que a sílaba tônica de *pōpulus*.

Num segundo momento, desapareceu a diferença de duração, e suas funções distintivas passaram a ser desempenhadas pela abertura. Por um processo análogo, perdeu-se a duração das demais vogais. Nesse sentido, podemos dizer que houve desfonologização da quantidade vocálica no latim vulgar, que perdura nas línguas românicas.

A pronúncia das vogais breves como abertas e das longas como fechadas, associada ao fenômeno da perda da quantidade, levou a uma aproximação entre o /e/ longo e o /i/ breve, pois esses dois fonemas se convergiram a um som de /e/ fechado. Paralelamente, confundiram-se também o /u/ breve e o /o/ longo, que confluíram no latim vulgar para /o/ fechado.

Outras características fonético-fonológicas do latim vulgar são: a síncope de uma vogal postônica entre consoantes, a redução dos hiatos, a contração de duas vogais consecutivas, a redução dos ditongos, a apócope das consoantes finais, a indistinção entre /b/ e /v/; /t/ e /d/; /m/ e /n/ e a perda de fonemas.

Vejamos, com base em Coutinho (2005), os aspectos fonéticos do latim vulgar que serão compilados nos vocábulos coletados junto aos moradores da cidade de Jardim (MS)

Conforme Coutinho, os elementos básicos da fonética do latim vulgar caracterizam-se:

- a) Pela redução dos ditongos e hiatos a simples vogais: *plostrum* (*plaustrum*), *orum* (*aurum*), *preda* (*praeda*).
- b) Pela transformação ou queda de alguns fonemas: *justicia* (*iustitia*), *cocere*

- (coquere).
- c. Pelo obscurecimento dos sons finais: es (est), dece (decem).
 - d. Pela tendência a evitar palavras proparoxítonas: masclus (masculus), dominus (dominus).
 - e. Pela transposição do acento tônico, em circunstâncias especiais: cathédra (cáthedra), intégrum (íntegrum).
 - f. Pela confusão reinante entre *i* e *e*, sobretudo em hiato: famis (fames), nubis (nubes).
 - g. Pela desnasalização ou queda do *n* no grupo *ns* ou *nf*: asa (ansa), iferi (inferi).
 - h. Pelas frequentes assimilações: isse (ipse), pessicum (persicum), dossum (dorsum), grunnio (grundio).
 - i. Pela prótese de um *i* nos grupos iniciais *st*, *sp*, *sc*: istare (stare), ispiritus (spiritus). (COUTINHO, 2005, p. 32)

No processo histórico, a formação do território linguístico brasileiro decorreu de forças que misturaram as línguas indígenas, as línguas do colonizador e os falares africanos. Segundo Faulstich (1998, p. 249), “em 1757, o Marquês de Pombal criou a primeira lei sobre o idioma no Brasil, ao estabelecer a língua portuguesa como idioma oficial da Colônia”. Essa decisão política resultou no ensino do português no vasto território brasileiro, o que afetou o uso das línguas gerais, que eram, de fato, as línguas vigentes.

Durante séculos, as línguas em contato serviram, entre outros fins, para modificar o panorama linguístico nacional, porque as transformações criavam as condições necessárias para formar o espírito de nacionalidade. Nesse contexto, a língua portuguesa adquiriu especificidades locais e começou a definir-se como variedade brasileira. Os contatos dos povos, com variadas línguas, acarretaram mudanças no português e provocaram o surgimento de uma variedade típica do Brasil, da qual destacaremos aqui os aspectos fonéticos do latim vulgar, conforme Coutinho.

Pertencente ao hall de falantes da variedade de português denominada de variante coloquial, os informantes de nossa pesquisa compreendem moradores acima dos 60 anos e com baixa escolaridade que habitam a cidade de Jardim, MS. Mediante pesquisas buscou-se registrar as falas em mecanismos de áudio, que posteriormente foram transcritas. Mediante as transcrições, desenvolvemos as análises com intuito de defender a tese de que o português coloquial adotado pelos informantes que compõem este perfil retoma características fonéticas do latim vulgar, isto é, o português em sua variante coloquial é mais conservador e recupera aspectos do latim vulgar que deu origem a nossa língua portuguesa.

A título de clareza das informações, optamos por apresentar primeiramente um recorte do conteúdo das entrevistas, para em seguida, desenvolver a citação dos vocábulos que emergem na fala dos entrevistados e possuem as mesmas características fonéticas do latim vulgar elencadas por Coutinho. Vale ressaltar o fato de que das 07 (sete) pessoas entrevistadas, cujas transcrições estão arquivadas em relatório de pesquisa financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT/MS e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, 03(três) serão apresentadas por nós neste artigo a fim de cumprir os objetivos de descrever as semelhanças entre o latim vulgar e o português coloquial. Demos a palavra aos nossos informantes.

3. Com a palavra, nossos informantes...

3.1. Informante I

Linhas	Participantes	Entrevista
05	Entrevistador	O senhor é da onde?
06	Informante	Do Rio Grande do Sul, Cidade é Sã Gabriel.
07	Entrevistador	E o senhor veio pra cá quando e por quê?
08	Informante	Quando? Não, eu vim em 65, mas porque que eu vim, pá trabalha, é o seguinte, eu vo ti i xplica , eu sai di lá em 65 porque o meu patrão era chefe político i lá aqueles que era do lado do Brisola era poblemático , né?! Ocê num arrumava nem imprego , intão ele veiu pra cá pra nóis meche cum lavora de arroz irrigado, arroz irrigado, sabe?! Lavora ... É, aí não, aí u siguiinti, aí eu fiquei um anu i poco com ele, i ele foi embora pro Rio Grande, aí ele quiri aqui eu e otros, qui eram muitos, aí fico só eu i otros, intão Eli quiri qui eu voltassi.

3.2. Informante II

Linhas	Participantes	Entrevista
05	Entrevistador	Quanto tempo o senhor mora aqui?
06	Informante	68
07	Entrevistador	E o senhor percebeu alguma mudança na língua?
08	Informante	Sim, porque antis tinha mais Paraguai, u sutaqui Du povu era mais di Paraguai.
09	Entrevistador	O senhor percebeu alguma mudança na linguagem da sua geração pra geração dos seus filhos?
10	Informante	Sim porque nus dia di hoji nu caso há muita diferença, porque cêis primero estudaro com mais tecnologia, na época nossa era muitu difici
11	Entrevistador	E a sua geração tem alguma diferença na linguagem com a geração dos seus pais?
12	Informante	ixisti, devido a criação qui tinha qui Elis já foram criadu, qui us pais qui criaro era duma forma, hoji a minha, por exemplo, é diferente agora já a dus meu filho é mais diferente.
13	Entrevistador	E o senhor mudou o seu jeito de falar conforme o passar do tempo falava diferente de antigamente, ou não?
14	Informante	Eu fala a mema coisa, memo sutáqui...
15	Entrevistador	Ta ok, muito obrigada.

A partir das entrevistas percebe-se na fala dos entrevistados a presença da redução dos ditongos e hiatos a simples vogais e a transformação ou queda de alguns fonemas, que no latim vulgar tivemos *Justitia* > *istitia* ou *riuus* > *rius*, conforme Coutinho (2005)

Redução dos ditongos e hiatos a simples vogais		Transformação ou queda de alguns fonemas (Coutinho, 2005):	
[Otros]	Outros	[Poblemático]	Problemático
[Ligero]	Ligeiro	[Memo]	Mesmo
[Poco]	Pouco	[Ceis]	Vocês
[Primerio]	Primeiro	[Ce]	você
[Lavora]	Lavoura	[Pa]	Para
[Pexe]	Peixe		

Tab. I /Informante I

A segunda tabela exemplifica o obscurecimento dos sons finais “(est>es; mecum > mecu)” e Confusão reinante entre I e E, sobretudo em hiatos, a exemplo de

“*nubes* > *nubis*” conforme Coutinho (2005)

Obscurecimento dos sons finais		Confusão reinante entre I e E, sobretudo em hiatos	
[Tomadô]	Tomador	[Ti]; [imprego]	Te; Emprego
[Sã]	São	[Ixplica]; [seguinte]	Explicar; Seguinte
[Quizí]	Quis ir	[Di]; [imbora]	De; Embora
[Vô]	Vou	[I]; [Quiria]	E; Queria
[Ixplica]	Explicar	[Intão]; [Cunhici]	Então; Conheci

Tab. II/Informante I

Redução dos ditongos e hiatos a simples vogais		Obscurecimento dos sons finais	
[Paraguai]	Paraguaio	[Difici]	Difícil

Tab. III/ Informante II

2.3 Informante III

Linhas	Participantes	Entrevista
01	Entrevistador	Qual o nome da senhora?
02	Informante IV	xxxxxxxxxxxxxx
03	Entrevistador	Quantos anos a senhora tem?
04	Informante IV	Eu tenho 72. Eu sou aposentada.
05	Entrevistador	Há quantos anos a senhora vive em Jardim?
06	Informante IV	Faiz 20 anos. Mais eu morava na fazenda aqui em Jardim.
07	Entrevistador	E como era vida na fazenda?
08	Informante IV	Ahh... era uma vida muito difici , né. Trabaiava na roça, o negóci era cabo de inxada memo.
09	Entrevistador	Mas, lá vocês cultivavam alguma coisa?
10	Informante IV	Abóbra , mais era tudo pá consumo próprio memo. Das vez nós ia na cidade.

Obscurecimento dos sons finais Coutinho (2005)	
[Difici]	(Difícil)
[negóci]	(negócio)

Prótese de I nos grupos iniciais (Coutinho, 2005):	
[Inxada]	(enxada)

Transformação ou queda de alguns fonemas (Coutinho, 2005):	
[abóbra]	(abóbora)
[rabaiava]	(trabalhava)
[vez]	(vez)
[nóis]	(nós)
[Pá]	(pra)
faiz	(faz)

4. Considerações finais

A partir da comparação e análise feitas, é possível perceber que, apesar do latim ser considerado uma língua morta, seus traços ainda estão presentes no nosso português coloquial do dia a dia, como a troca do *e* pelo *i* durante a pronúncia das palavras, o obscurecimento dos sons finais muito presente em verbos no infinitivo, a redução dos ditongos a simples vogais como a troca do *ou* pelo *o*, exemplo: outros (otros), entre outras características, a exemplo da preferência no vocabulário pelo uso de perífrases verbais tão adotadas no discurso popular.

Muitas das características fonéticas do latim continuam sendo usadas por nós, o latim deu origem ao português atual, ele sofreu transformações e evoluções, até chegar ao português falado atualmente, que também sofrerá futuramente muitas transformações, porém sua origem latina sempre estará presente. O latim ainda se encontra presente e vivo no nosso português, e se o português formal acompanha a língua falada, o nosso português coloquial de alguma forma está resgatando suas origens e características no latim vulgar.

Vivenciamos um processo de reaproveitamento linguístico cuja fonte mor ainda pode ser a língua latina, mais especificamente o latim vulgar outrora alvo de críticas dos guardiões da língua denominada culta. Diversos artigos vêm destacando a importância do estudo da língua latina tendo em vista o potencial que estes conhecimentos têm a fim de facilitar o aprendizado de todas as línguas neolatinas. Adotando palavras de Furlan "latim é importante para disciplinar a mente, adquirir cultura humanística, conhecer e valorizar nossa língua portuguesa" (FURLAN, p.42, 2006). O estudo da língua permite que percebamos o quanto o latim está vivo no nosso discurso cotidiano e como ele constitui o núcleo da nossa língua, contribuindo também para dirimir preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: USP/FFLCH, 1951.

———. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

SILVA NETO, Serafim. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva, 2000.

_____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1958.

ANDRADE, Letícia Pereira de. *O ir e vir semântico: latim/português*. Disponível em: <www.filologia.org.br/revista/35/08.htm>. Acesso em: 15-02-2011.

BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. Trad.: Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Unesp, 1995.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 2005.

FURLAN, Oswaldo. *Latim para o português: gramática, língua e literatura*. Florianópolis: Edufsc, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1997

MARASCHIN, Leila Teresinha. *Latim vulgar como disciplina: resgatando os estudos filológicos na Universidade Federal de Santa Maria*. Disponível em: <www.filologia.org.br/xiiicnlf/textos>.

MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

MIGNOLO, W. D. *La idea de américa latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Trad.: Silvia Jawerbaun y Julieta Barba. Barcelona: Gedisa, 2005

SILVA NETO, Serafim da. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1990.

VIARO, Mário Eduardo. A importância do latim na atualidade. *Revista de Ciências Humanas e Sociais*, São Paulo, Unisa, vol. 1, n. 1, p. 7-12, 1999.